

**PESQUISA RELACIONAL: ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS**

**RELATIONAL RESEARCH: THEORETICAL AND METHODOLOGICAL ASPECTS**

**INVESTIGACIÓN RELACIONAL: ASPECTOS TEÓRICOS Y METODOLÓGICOS**

CAMPOS, Pedro Henrique Oliveira de  
henriquebh\_1994@hotmail.com  
UFV – Universidade Federal de Viçosa  
<https://orcid.org/0000-0002-3973-6387>

SOUZA, Rita de Cássia de  
ritasouzaufv@gmail.com  
UFV – Universidade Federal de Viçosa  
<http://orcid.org/0000-0001-9823-6174>

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo discutir a pesquisa relacional e apontar algumas metodologias que podem ser utilizadas nesse tipo de investigação. Num primeiro momento, discorremos sobre as influências do discurso construcionista social na pesquisa relacional e as principais características desse tipo de pesquisa. Discutimos, também, as implicações para o pesquisador e para a investigação, ao optar pelo estudo do tipo relacional, e apresentamos a investigação apreciativa, o grupo focal e a roda de conversa como instrumentos metodológicos possíveis à pesquisa relacional, evidenciando suas potencialidades colaborativas e dialógicas. Por último, discorremos sobre uma maneira possível de fazer a análise dos textos obtidos por meio das metodologias anteriormente apresentadas.

**Palavras-chave:** Construcionismo Social. Grupo Focal. Investigação Apreciativa. Pesquisa Relacional. Roda de Conversa.

**ABSTRACT:** This article aims to discuss relational research and to point out some possible methodologies for this type of research. Firstly, we discuss the influences of social constructionism movement in relational research and the main characteristics of this type of research. We also discuss the implications for the researcher and for research when choosing the relational type study. We present the appreciative inquiry, the focus group and the conversation circles as possible methodological tools for relational research, evidencing their collaborative and dialogical potentialities. Finally, we discuss a possible way of analyzing the texts obtained through the methodologies previously presented.

**Keywords:** Appreciative Inquiry. Conversation Circles. Focus Group. Relational Research. Social Constructionism.

**RESUMEN:** Este artículo tiene por objetivo discutir la investigación relacional y apuntar algunas metodologías que pueden ser utilizadas en este tipo de investigación.

En un primer momento, reflexionamos sobre las influencias del discurso construccionista social en la investigación relacional y las principales características de este tipo de investigación. Discutimos también las implicaciones para el investigador y para la investigación al optarse por el estudio del tipo relacional y presentamos la investigación apreciativa, el grupo focal y el círculo de conversación como instrumentos metodológicos posibles a la investigación relacional, evidenciando sus potencialidades colaborativas y dialógicas. Por último, discurrimos sobre una manera posible de hacer el análisis de los textos obtenidos a través de las metodologías presentadas anteriormente.

**Palabras-clave:** Construccinismo Social. Grupo Focal. Investigación Apreciativa. Investigación Relacional. Círculo de Conversación.

## 1 INTRODUÇÃO

O pesquisador que pretende iniciar uma pesquisa sabe que, em primeiro lugar, é necessário definir algumas questões importantes, como a delimitação do objeto de estudo, a escolha do referencial teórico, a definição dos instrumentos de coleta de dados, etc. Algumas obras, como a de Antônio Carlos Gil (2002) e Antônio Paulo de Castilho e Derna Pascuma (2005), são verdadeiros manuais de elaboração de projetos de pesquisa, que visam orientar os pesquisadores no processo investigativo.

A depender dos objetivos traçados para a investigação, o pesquisador, certamente, conduz sua pesquisa para uma abordagem específica: a qualitativa, a quantitativa ou ambas. Se seu intuito é comprovar a ocorrência de determinado fenômeno através de relações de causa e consequência entre variáveis, medindo-as, mensurando-as, testando teorias, então a pesquisa é de cunho quantitativo. Se, pelo contrário, o objetivo da investigação é interpretar um determinado fenômeno, por meio de indução, de descrições densas e complexas, a abordagem da investigação é qualitativa. Se a pesquisa contempla essas duas dimensões, ela é definida como qualitativo-quantitativa, também conhecida como *quali-quant*.

A figura 1, elaborada por Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2005), Godoi (2005) e Lima (2005), a seguir, nos ajuda a compreender melhor as diferenças entre esses dois tipos de abordagem supracitados:



Figura 1 – Características da pesquisa quantitativa e qualitativa

	Pesquisa quantitativa	Pesquisa qualitativa
<b>Inferência</b>	Dedutivo	Indutivo
<b>Objetivo</b>	Comprovação	Interpretação
<b>Finalidade</b>	Teste de teorias, predição, estabelecimento de fatos e teste de hipóteses	Descrição e entendimento de realidades variadas, captura da vida cotidiana e perspectivas humanas
<b>Realidade investigada</b>	Objetiva	Subjetiva e complexa
<b>Foco</b>	Quantidade	Natureza do objeto
<b>Amostra</b>	Determinada por critério estatístico	Determinada por critérios diversos
<b>Característica da amostra</b>	Grande	Pequena
<b>Característica do instrumento de coleta de dados</b>	Questões objetivas, aplicações em curto espaço de tempo. Evita-se a interação entrevistador-entrevistado,	Questões abertas e flexíveis. Explora a interação pesquisador-entrevistado.
<b>Procedimentos</b>	Isolamento de variáveis. Anônima aos participantes.	Examina todo o contexto, interage com os participantes.
<b>Análise dos dados</b>	Estatística e numérica.	Interpretativa e descritiva. Ênfase na análise de conteúdo.
<b>Plano de pesquisa</b>	Desenvolvido antes de o estudo ser iniciado. Proposta estruturada e formal.	Evolução de uma idéia com o aprendizado. Proposta flexível.
<b>Resultados</b>	Comprovação de hipóteses. A base para generalização dos resultados é universal e independente do contexto.	Proposições e especulações. Os resultados são situacionais e limitados ao contexto.
<b>Confiabilidade e validade</b>	Pode ser determinada, dependendo do tempo e recurso.	Difícil determinação, dada à natureza subjetiva da pesquisa.

Fonte: elaboração de Ana Cláudia Fernandes e Edmundo Filho, que se inspiraram nos textos de Alves-Mazzotti e Gewandszajder, 2005; Godoy, 1995; Lima, 2005

O objetivo deste artigo é apresentar a pesquisa relacional e apontar algumas metodologias que podem ser utilizadas nesse tipo de investigação, considerando que ela se coloca como uma alternativa aos estudos tradicionais que se norteiam pelo paradigma científico moderno. Num primeiro momento, apresentamos as origens desse tipo de pesquisa e suas principais características. Adiante, dissertamos sobre as implicações para o pesquisador e para a pesquisa ao se optar pelo estudo do tipo relacional. Por último, apontamos para algumas metodologias que favorecem este tipo de investigação.

## 2 A PESQUISA RELACIONAL

Segundo McNamee (2010), a pesquisa relacional se baseia nos fundamentos do Construcionismo Social, uma vertente da Psicologia Social, de caráter sociológico, que começou a ganhar força na década de 1970, num momento marcado pela crise



do paradigma científico moderno e, por conseguinte, por críticas à psicologia experimental de cunho positivista.

A psicologia construcionista se coloca como uma alternativa às práticas psicológicas modernistas e, nesse sentido, identifica-se enquanto um discurso pós-moderno. Assim, os principais pressupostos dessa metateoria são: a) a crença de que tudo que é considerado real e verdadeiro nada mais é do que uma construção social; b) o relativismo pautado no entendimento de que não há verdades absolutas e generalizantes, mas verdades situadas, contextuais e; c) a compreensão de que a linguagem não é uma representação fiel da realidade, mas uma prática social, uma forma de ação no e sobre o mundo.

Nesse sentido, a pesquisa relacional se apresenta como uma alternativa ao fazer científico moderno, marcado pelos preceitos de uma racionalidade objetiva, neutra, controladora e totalizante. A respeito das diferenças entre a tradição moderna e pós-moderna de pesquisa, McNamee (2014, p. 74) esclarece que

a tradição de pesquisa dominante surgiu dentro de uma visão de mundo modernista. O modernismo pressupõe que, com as ferramentas e técnicas adequadas, seremos capazes de descobrir a realidade. Naturalmente, parte e parcela dessa suposição é a crença de que existe uma realidade a ser descoberta. [...] O pós-modernismo, por outro lado, desafia a noção de que existe uma realidade a ser descoberta. Em vez disso, os teóricos pós-modernos propõem que nossos modos de conversar e relacionar uns com os outros e com o mundo sejam o foco do estudo e, portanto, a ideia de múltiplas verdades, múltiplas realidades e múltiplos métodos de exploração dessas realidades é primordial.<sup>1</sup>

A pesquisa relacional, também chamada de investigação dialógica ou colaborativa (DEFEHR, 2015), é um tipo de pesquisa que visa construir ambientes nos quais os sujeitos são convidados a dialogar e, por meio desse diálogo, ressignificar entendimentos, posturas, relações e ações. Por esse motivo, Dehfer (2015, p. 3) afirma que a investigação dialógica tem potencial “generativo e

<sup>1</sup> “The dominant research tradition has emerged within a modernist worldview. Modernism assumes that, with the proper tools and techniques, we will be able to discover reality. Of course, part and parcel of this assumption is the belief that there is a reality to be discovered. [...] Postmodernism, in the other hand, challenges the notion that there is one reality to be discovered. Instead, postmodern theorists proposes that our ways of talking and relating to each other and the world should be the focus of the study and therefore, the idea of multiple truths, multiple realities, and multiple methods for exploration such realities is paramount” (MCNAMEE, 2014, p. 74).

transformador”, pois esse tipo de pesquisa não tem como intuito apenas compreender fenômenos, mas propiciar possibilidades de mudanças. A partir dessa perspectiva, pode-se inferir que essa é uma pesquisa que não se faz sobre os sujeitos, mas com os sujeitos, que são chamados a participarem de forma ativa na construção da pesquisa. Considerando que “los participantes en la investigación normalmente no son familiarizados con las metodologías utilizadas para obtener y ‘manejar’ sus contribuciones”<sup>2</sup> (DEFEHR, 2015, p. 3, grifos no original), esta forma de interação entre o pesquisador e os sujeitos que compõem a pesquisa se apresenta como uma novidade no âmbito científico. Dado que o diálogo colaborativo conduz a investigação, é importante que a noção de diálogo seja compreendida. Segundo Paulo Freire, o diálogo

[...] é uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de empatia entre ambos. Só aí há comunicação (FREIRE, 1967, p. 107).

A crença de que o diálogo é um meio pelo qual as pessoas podem alterar, na relação, as formas de ser e estar no mundo é o fundamento norteador da pesquisa relacional. Assim, a dialogicidade deve estar sempre presente durante todo o processo investigativo, desde a entrada no campo até a análise dos dados, como comentaremos adiante. Como o próprio nome diz, a pesquisa é relacional, se faz e se constitui nas relações estabelecidas entre as pessoas, nas trocas, nas interações. O diálogo é, então, um instrumento da e na relação. Quando Freire (1976) diz que o diálogo é uma relação horizontal de A com B, isso quer dizer que os sujeitos se respeitam, se escutam, têm consideração um pela fala do outro.

Sendo construída de maneira conjunta com os sujeitos envolvidos na investigação, a pesquisa relacional parte do pressuposto de que os significados não estão nas mentes individuais, mas são estabelecidos nas relações e, portanto, o significado é relacional. Se entendemos que o conhecimento, as formas de ser e estar

---

<sup>2</sup> “os participantes da pesquisa geralmente não estão familiarizados com as metodologias usadas para obter e ‘gerenciar’ suas contribuições” (Tradução nossa).



no mundo, as regras, as formas de convivência, os espaços, etc. são construídos pelas pessoas, então essas mesmas pessoas podem mudar as coisas, fazer diferente, subverter a ordem, criar novos mundos. Esse é o intuito de uma investigação colaborativa ou dialógica.

Por conta de todas as características apresentadas, é comum que se trate a pesquisa relacional a partir de uma abordagem qualitativa, mas dizer que ela é essencialmente de cunho qualitativo é um equívoco, uma vez que não há a intenção de se apartar qualquer traço quantitativo desse tipo de pesquisa. Há, sim, diferenças, como as que McNamee (2014) elaborou no quadro abaixo, porém as abordagens não são excludentes numa investigação do tipo relacional:

Quadro 1 – Características das pesquisas quantitativas, qualitativas e relacionais<sup>3</sup>

Método científico	Visando compreender	Mudando juntos
Tradicional	Tradicional	Construcionista
Quantitativo	Qualitativa	Relacional
Diagnóstico	Interpretativa	
Baseada em evidências		
Provar	Compreender	Mudar
Observar	Descrever	Co-criar
Pesquisador/sujeito	Pesquisador/participantes	Co-pesquisadores
Verdadeiro ou falso	Significados contextualizados	Gerar novos significados
Descoberta das verdades e das causas e efeitos	Conhecimento contextualizado e múltiplas realidades	Gerar novas realidades
Validade estatística	Autêntico para os participantes	Utilidade local/gerativa
Generalizável e repetível	Há uma possibilidade de transferência	Local e histórica Co-envolvente
Descobre a verdade	Expande conhecimentos	Gera possibilidades

Fonte: Quadro adaptado de MCNAMEE, 2014

Mais do que descrever acontecimentos, a pesquisa relacional diferencia-se pelo envolvimento dos sujeitos no processo investigativo. A proposta desse tipo de estudo é que ele seja convidativo, no sentido de involucrar os sujeitos, não apenas

<sup>3</sup> Este quadro é uma tradução adaptada do quadro apresentado por McNamee (2014, p. 77) no artigo *Research as a relational practice (Table 1: Understanding Consistency and Inconsistency across Research Words)*.



como meros informantes, mas como coconstrutores da investigação. As pessoas que entrevistamos e com quem conversamos são, também, co-pesquisadores na medida em que elas podem e devem sentir-se confortáveis na produção de conhecimentos. Elas têm o direito de acompanhar e intervir no que está sendo feito pelo pesquisador suas intervenções na pesquisa devem constar no relatório final de maneira explícita e detalhada.

Na pesquisa relacional, bem como em outras pesquisas construcionistas, um dos critérios mais relevantes é a utilidade da investigação para os sujeitos e para a comunidade. O pesquisador deve se perguntar: de que maneira a pesquisa pode ser útil para a vida das pessoas? Nesse sentido, é recomendável que o pesquisador não chegue em seu campo de investigação com uma proposta fechada e definida, mas que seu problema de pesquisa parta das necessidades dos outros. Isso indica uma mudança significativa no fazer científico, uma vez que é comum que os pesquisadores, de certo modo, imponham suas necessidades aos outros e, na maioria das vezes, nossas necessidades não são, necessariamente, as necessidades dos outros.

Portanto, é possível inferir que a pesquisa relacional é generativa, pois ela cria possibilidades de mudanças nas relações e nas práticas desenvolvidas em uma determinada comunidade. Por conta dessa característica, ela possui um viés de intervenção, uma vez que favorece e acredita no potencial do ser humano para a mudança, para a transformação da realidade. Essa é uma questão desafiadora desse tipo de pesquisa, já que torna fundamental o engajamento prático de todos os envolvidos.

### **3 A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E A ATUAÇÃO DO PESQUISADOR NA PERSPECTIVA RELACIONAL**

Tradicionalmente, a ciência moderna toma a busca de conhecimentos como a descoberta da verdade. Nesse sentido, existe uma realidade objetiva que se mostra ao pesquisador. Para os construcionistas, não existe uma só verdade, mas verdades (no plural) que são construídas, produzidas coletivamente. Isso implica dizer que não há uma realidade objetiva, mas várias descrições de mundo que apresentam ao

pesquisador uma pluralidade de conhecimentos. O que é real, portanto, é uma convenção estabelecida entre os sujeitos que compõem uma determinada comunidade.

Partindo dessa premissa, uma pesquisa relacional se caracteriza por considerar os contextos situacionais na construção do conhecimento. Se na tradição moderna os conhecimentos estão isolados e, aparentemente, incomunicáveis, em razão de suas verdades únicas e inflexíveis, no pensamento pós-moderno as pesquisas se caracterizam por seu caráter dialógico e transdisciplinar, valorizando sua acessibilidade para toda comunidade.

Pela lógica empirista de ciência, a relação do pesquisador com o seu objeto de estudo (o conhecimento) é entendida sob uma perspectiva dualista, que coloca um separado do outro. É, pois, uma tentativa de se prezar pela objetividade e, por consequência, pela neutralidade. A objetividade, nesse sentido, é um estado psicológico do indivíduo que, supostamente, o capacitaria para representar de maneira fiel a realidade. Partindo do ponto de vista pós-moderno, entendemos que a neutralidade não existe, pois, por mais que se tente “controlar a subjetividade”, a simples presença e/ou atuação do cientista/pesquisador já causa interferências no objeto ou no campo. Além disso, há de se considerar os valores intrínsecos ao indivíduo que, de uma maneira ou de outra, estão implicados na investigação, ainda que se tente escondê-los a partir de uma escrita impessoal ou de uma presença/intervenção distanciada.

Numa pesquisa do tipo relacional, os processos de subjetivação e a subjetividade não são mascarados, pelo contrário, são partes constitutivas e intrínsecas ao estudo, pois, como já dito, é uma pesquisa que se faz com os sujeitos através de suas relações. Enquanto o paradigma científico moderno vê o sujeito como um indivíduo isolado, neutro e que tem o controle sobre os processos, o pós-modernismo acredita no sujeito implicado.

Gergen (2015) afirma que, no mundo ocidental, costumamos pensar no sujeito como um ser isolado, separado dos demais, único. A própria definição de *indivíduo* sugere algo que é *uno*, indivisível, ou “o ser humano considerado isoladamente na



comunidade de que faz parte”, conforme uma das definições que podemos encontrar em uma busca simples na internet através do Google<sup>4</sup>.

Esse *eu* independente e autossuficiente leva Gergen (2015) a defini-lo como “ser delimitado”, proveniente de uma tradição individualista que influenciou a psicologia moderna e, por consequência, nos conduz àquela ideia de que o conhecimento se encontra no interior das mentes individuais. Ocorre que se o conhecimento está dentro do sujeito, então o outro sempre será um desconhecido, uma vez que não é possível acessar o mundo interno de cada pessoa. Isso quer dizer que se eu concebo cada sujeito-participante da investigação como um ser independente, logo eu não considero que as relações nas quais esses sujeitos estão imersos têm influência alguma na construção de suas ideias, pensamentos e atitudes.

Mas o que de fato separa um sujeito do outro? Por que devemos nos compreender como seres isolados? É a partir dessas questões que Gergen (2015) propõe a ideia do ser relacional. De acordo com esse autor (2015), o que importa nessa perspectiva é o que está *entre* os indivíduos, a troca, a interação. Ao contrário do ser delimitado, o ser relacional não é isolado, mas se constitui na presença do outro, na alteridade. Somos o tempo inteiro afetados pelos outros e é dessa maneira que nos constituímos como sujeitos múltiplos.

Entendido como um sujeito que está em relação com outros sujeitos e com o ambiente, o investigador que se propõe a fazer uma pesquisa do tipo relacional considera os participantes da investigação também como seres relacionais, que se constituem nas relações. Para além disso, numa pesquisa relacional o pesquisador não faz uma pesquisa sobre os sujeitos, mas com os sujeitos e, dessa forma, convida-os para que eles falem de si mesmos, para que contem suas próprias histórias, incentivando a narração, as narratividades. Essa atitude do pesquisador é uma busca de valorização das múltiplas formas de ser e estar no mundo.

Adotar a perspectiva do ser relacional implica que o pesquisador deve estar aberto à complexidade, ao contraditório, à polifonia e à diversidade. Além disso, ele deve evitar a passividade, no sentido de ser apenas um observador, um avaliador externo, alguém que chega para emitir julgamentos sobre tudo e todos. O pesquisador

---

<sup>4</sup> O Google é uma ferramenta virtual de busca e de pesquisa que pode ser acessado através do seguinte site: [www.google.com](http://www.google.com).

também é um ser relacional e, por isso, deve envolver-se no processo investigativo e saber-se envolvido, relatando suas impressões, seus vieses e colocando-os junto com os dos outros.

#### **4 A METODOLOGIA NA PESQUISA COLABORATIVA, DIALÓGICA E RELACIONAL**

Para os construcionistas, não existe um jeito certo e melhor de se fazer uma investigação. Os pesquisadores que optam por fazer uma pesquisa relacional devem saber que os construcionistas não se opõem aos métodos científicos modernos e às metodologias tradicionais. Assim, a inteligibilidade construcionista social propõe alternativas metodológicas, entendendo que não há (e nem deve haver<sup>5</sup>) um método construcionista propriamente dito.

O que importa saber é que o processo investigativo se justifica situacionalmente e não metodologicamente. Como dissemos, a pesquisa tem que ser útil para a comunidade e não para o pesquisador. Sendo assim, o critério da utilidade faz com que o investigador defina seus métodos posteriormente à entrada no campo, a partir das possibilidades que são adequadas ao contexto a ser investigado. Conforme nos conta DeFeher (2015, p. 8), “la indagación colaborativa es motivada por preguntas que importan y hacen una diferencia para los participantes de la investigación, en vez de ser preguntas que aparentemente derivan de la astucia intelectual de un individuo investigador”<sup>6</sup>.

Embora não haja um método específico, os construcionistas sugerem que o pesquisador faça opção por instrumentos metodológicos que sejam os mais dialógicos e inclusivos possíveis. A pesquisa relacional tem como princípio o diálogo, as trocas, o envolvimento de todos e, por isso, o mais adequado é que o pesquisador utilize

---

<sup>5</sup> Os socioconstrucionistas não têm a intenção de prescrever, ditar normas, regras, padrões, modos de ser e fazer, pois tudo isso vai de encontro ao que o próprio discurso construcionista defende. Por isso, não existe uma metodologia construcionista.

<sup>6</sup> “a indagação colaborativa é motivada por perguntas que importam e que fazem diferença para os participantes da investigação, em vez de perguntas que aparentemente derivam da astúcia intelectual de um indivíduo investigador” (Tradução nossa).

ferramentas dialógicas e inclusivas, sempre levando em conta a viabilidade para determinado contexto.

Antes que o instrumento metodológico mais adequado para uma investigação colaborativa, dialógica e relacional seja definido, com vistas a envolver todos os sujeitos na pesquisa, é importante que o pesquisador passe por um período de convivência no campo. Ora, não há como envolver as pessoas na pesquisa sem antes criar com elas algum tipo de vínculo de confiança, de empatia, de identificação. Geralmente, nas pesquisas tradicionais, usa-se o termo *observação* e suas variáveis (estruturada, não estruturada, participante, não participante, etc.) para designar o período em que o pesquisador entra no espaço investigativo (escola, empresa, etc.).

Numa perspectiva relacional, o termo *observação* nos remete a uma ideia de alguém que chega de fora para observar, analisar, o que está se passando com os outros. É aquela ideia da objetividade e da neutralidade que está presente nos manuais científicos de cunho positivista. Para quem pretende fazer uma pesquisa do tipo relacional, a sugestão é que ao invés de *observação*, o pesquisador utilize a palavra *convivência*, afinal, a partir do momento em que ele entra no campo, ele se torna parte do processo, ele passa a estar em relação com os outros, ainda que pense o contrário.

Feita essa ressalva do período de convivência com os coparticipantes da investigação, apresentaremos, a seguir, três possibilidades instrumentais para uma pesquisa do tipo relacional. A primeira delas é a investigação apreciativa, a segunda é o grupo focal e a última é a roda de conversa. Compreendemos que todas elas possuem um caráter dialógico e inclusivo e que, portanto, são alternativas metodológicas interessantes e recomendáveis em pesquisas colaborativas, em estudos dialógicos e/ou em investigações relacionais.

#### 4.1 Investigação Apreciativa

De acordo com Arnemann, Gastaldo e Kruse (2018), a investigação apreciativa (originalmente *Appreciative Inquiry*) foi desenvolvida, inicialmente, em 1986, a partir da tese de doutoramento do professor norte-americano David Cooperrider. Em suas pesquisas sobre o comportamento organizacional, sobretudo no que diz respeito à



resolução de conflitos nas empresas, Cooperrider notou que a maneira como as pessoas desenvolvem suas atividades são decisivas para o bom ou mau desempenho do grupo, propondo, então, ações coletivas coordenadas por meio de posturas apreciativas, de valorização dos aspectos positivos e das potencialidades dos sujeitos.

Embora as raízes da Investigação Apreciativa (IA) “encontram-se, prioritariamente, na área da pesquisa organizacional, especificamente, no estudo das dinâmicas organizacionais” (SOUZA; MCNAMEE; SANTOS, 2010, p. 601), essa metodologia tem sido empregada em diversas áreas do conhecimento. Ancorada no discurso construcionista social, a IA é uma metodologia que busca promover mudanças, melhorando situações que interessam a um determinado grupo, partindo dos conhecimentos construídos pelas pessoas em relação.

Souza, McNamee e Santos (2010, p. 603) afirmam que “[...] a IA como método de pesquisa tem seu foco no processo da investigação, na maneira como a informação é coletada e processada. Busca-se, na pesquisa, entender como foram possíveis, por exemplo, as narrativas de sucesso”. O objetivo geral da investigação apreciativa como metodologia é criar um ambiente de colaboração, respeito e de entendimento mútuo, que permita a construção de novas práticas a partir de experiências positivas já vivenciadas.

Segundo as autoras (2010, p. 601-602), a IA possui alguns princípios fundamentais que devem perpassar todo o processo investigativo. O *princípio construcionista* diz respeito à inspiração no Construcionismo Social pela IA, sobretudo ao considerar o sujeito como um ser relacional, isto é, um ser que está em relação com os outros seres, e a realidade como sendo uma construção social. O *princípio da simultaneidade* esclarece que a transformação da realidade ocorre no mesmo momento em que as pessoas estão se perguntando e/ou imaginando como as coisas podem ser diferentes. O *princípio poético* versa sobre a criatividade necessária para criar futuros sobre o potencial generativo desse tipo de pesquisa. Já o *princípio antecipatório* é a capacidade de proatividade, ou seja, a capacidade de criar imagens sobre o futuro e de nos anteciparmos sobre ele. Por fim, o *princípio positivo* é o que nos leva a explorar o lado positivo das pessoas e das situações.

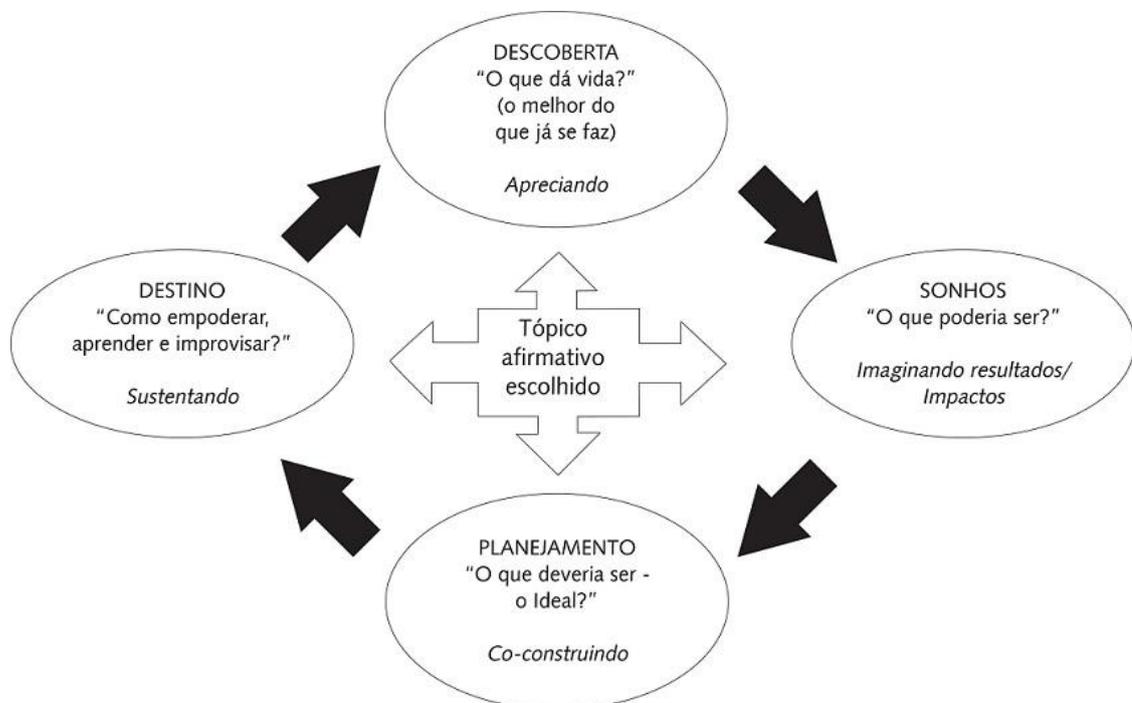
Partindo desses princípios, Arnemann, Gastaldo e Kruse (2018) descrevem o Ciclo 4D, o qual pode ser definido como uma espécie de caminho a ser seguido



durante uma investigação apreciativa. Os 4Ds referem-se aos termos *Discovery* (descoberta), *Dream* (sonho), *Design* (criar) e *Destiny* (destino), em inglês. Traduzindo para o português, os 4Ds transformam-se em 4Is: Indagar, Imaginar, Inovar e Implementar.

E o que são esses 4Ds? Basicamente, são os passos sequenciais que devem ser seguidos por todos os participantes da investigação. A primeira coisa a se fazer é descobrir o que é bom, o que está funcionando (ou o que já funcionou), o que pode ser valorizado/apreciado. Esse é o momento de descobrir o que há de positivo, quais são as experiências de sucesso das pessoas ou das instituições. Depois, o momento é de sonhar, de imaginar como as coisas poderiam ser diferentes, ser melhores para todos. A próxima etapa é a de fazer um planejamento, é o momento da criação, da inovação. As pessoas devem pensar nos passos que elas devem seguir para que o futuro imaginado seja possível de ser realizado. Por fim, é o momento de implementar, de executar o plano coconstruído.

Figura 2 – Ciclo 4D: *Discovery, Dream, Design e Destiny*.



Fonte: elaboração das autoras Cristiane Arnemann, Denise Gastaldo e Maria Henriqueta Kruse, 2018

Para que a mudança se torne possível, é fundamental que todas as pessoas estejam empenhadas, motivadas e envolvidas no processo. Partir das experiências positivas e evitar ao máximo dar visibilidade para as dificuldades e para os problemas é uma maneira de fazer com que as pessoas se sintam confiantes e preparadas para imaginar uma nova realidade. Eis, então, o porquê de a investigação ser chamada de apreciativa: por apreciar a excelência em cada pessoa, com o intuito de incrementar valor a elas. Assim, evita-se o pessimismo imobilizante que deixa as pessoas estagnadas, desmotivadas e infelizes. O desafio mais difícil nesse tipo de investigação é superar a tendência que, em geral, as pessoas têm de enxergar apenas as dificuldades e os problemas e fazê-las pensar de maneira positiva e enxergar as coisas boas.

#### 4.2 Grupo focal

O grupo focal é um instrumento metodológico bastante utilizado nas ciências humanas e sociais. Segundo Powell e Single (1996, p. 449), um grupo focal é composto por “um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal”.

Para Dal’igna, “o que caracteriza esse método é seu caráter interativo – focalizando aqui mais a *interação do grupo* e menos a interação entre pessoas; portanto a técnica exige que as informações se produzam na dinâmica interacional de um grupo de pessoas” (BARBOUR, 2009; GATTI, 2005 *apud* DAL’IGNA, 2012, p. 203, grifos do autor). Além disso, a autora acrescenta que o diferencial dessa técnica em relação a outras

é o seu potencial para produção de informações sobre tópicos específicos, a partir do diálogo entre participantes de um mesmo grupo. Esse diálogo deve estimular tanto as ideias consensuais quanto as contrárias. Da mesma forma, a técnica de grupo focal, diferentemente de entrevistas (individuais ou coletivas), permite produzir um material empírico a partir do qual se pode analisar diálogos sobre determinados temas e não falas isoladas (DAL’IGNA, 2012, p. 204).

Enquanto um instrumento metodológico comum às pesquisas qualitativas, Gatti (2005, p. 11) salienta que

o trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado.

Dessa forma, num grupo focal “há interesse não somente no que as pessoas pensam e expressam, mas também em como elas pensam e porque pensam o que pensam” (GATTI, 2005, p. 9). O que importa, então, são os significados produzidos coletivamente, mas vale ressaltar que isso não quer dizer uma busca pelo consenso, pois as conversas, os diálogos são abertos à multiplicidade de opiniões e pensamentos.

Quem trabalha com grupo focal tem de estar atento a algumas questões importantes inerentes a essa metodologia. O *local de realização* do grupo, por exemplo, é algo que pode interferir muito na qualidade das informações produzidas. O pesquisador deve procurar um local confortável para os participantes e silencioso, de modo a possibilitar a gravação. A *composição do grupo* também é importante. Flick (2009) distingue dois tipos de grupos: os *grupos reais* e os *grupos artificiais*. Nos grupos reais, os sujeitos que participarão da pesquisa já preexistem naturalmente, enquanto os grupos artificiais são definidos durante a investigação.

Um grupo focal, geralmente, é composto por um mediador, que será responsável pela condução das discussões, e pelos sujeitos que compõem o grupo. Mas é possível que o pesquisador conte com auxiliares responsáveis por uma avaliação externa da condução do grupo. Definida a *composição da equipe de pesquisa*, é necessário *estruturar o grupo focal*, estabelecendo o número de encontros, a regularidade desses encontros, bem como sua duração. Finalmente, o pesquisador precisará de um *planejamento*, que é o roteiro do debate. Nele, é preciso indicar os tópicos que serão discutidos nos grupos, de acordo com os objetivos da pesquisa.

Aparentemente, os grupos focais necessitam de um direcionamento maior, de um controle marcante de um mediador que define como é que a conversa vai fluir e para qual(is) caminho(s) ela deve seguir. Porém, numa investigação do tipo relacional, o pesquisador deve evitar que a conversa seja totalmente dirigida e estruturada,

embora ele tenha todo um planejamento preparado visando o funcionamento dos grupos. O planejamento deve ser um guia, um auxílio para que o pesquisador não perca de vista os objetivos da pesquisa. O importante é que os participantes também tenham autonomia para conduzir as conversas.

#### 4.3 Roda de conversa

A roda de conversa é outra técnica indicada para uma pesquisa do tipo relacional, por conta de seu potencial dialógico e inclusivo. Ela possibilita a criação de espaços conversacionais onde a espontaneidade entre os participantes deve ser estimulada de modo que as conversas fluam com certa naturalidade. De acordo com Moura e Lima (2014, p. 101), as rodas de conversa

[...] consistem em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo. Um dos seus objetivos é de socializar saberes e implementar a troca de experiências, de conversas, de divulgação e de conhecimentos entre os envolvidos, na perspectiva de construir e reconstruir novos conhecimentos sobre a temática proposta.

Tanto as rodas de conversa como os grupos focais são metodologias que favorecem o diálogo, a produção de significados e ressignificações. No entanto, consideramos que a roda de conversa é mais livre no sentido de que o pesquisador (ou o mediador) não obtém o controle total do processo. Ele se coloca na posição de um integrante, como outros demais sujeitos da pesquisa, horizontalizando as relações e criando um ambiente mais acolhedor. Entretanto, isso não quer dizer que uma metodologia é superior a outra. Tudo vai depender, como já mencionado, do contexto de pesquisa e os instrumentos que o investigador julga ser mais produtivo naquela situação específica (e também para a própria pesquisa).

O processo de execução das rodas de conversa é muito parecido com o do grupo focal, cabendo ao pesquisador os mesmos cuidados em relação à escolha do local de realização das rodas. Quanto aos participantes, nas pesquisas relacionais evita-se fazer escolhas, mas sim convites. Convidamos os sujeitos a participarem da pesquisa. Para que o processo seja confortável para todos, nada pode ser obrigatório, forçado e/ou contra a vontade das pessoas.

Embora apresente uma dinâmica mais fluida e flexível, a roda de conversa também necessita de planejamento. Um caminho possível é a utilização de temas geradores. Uma vez definidos os objetivos da investigação junto com os coparticipantes da pesquisa, o pesquisador pode lançar mão de alguns temas para dar início à conversação nas rodas. Como salientam Mélo et al. (2007, p. 30), a roda de conversa

inicia-se com a exposição de um tema pelo pesquisador a um grupo (selecionado de acordo com os objetivos da pesquisa) e, a partir disso, as pessoas apresentam suas elaborações sobre ele, sendo que cada uma instiga a outra a falar, argumentando e contra-argumentando entre si, posicionando-se e ouvindo o posicionamento do outro.

Numa pesquisa relacional, o mais adequado é deixar que as pessoas tenham liberdade para falar o que elas quiserem falar, de modo que o pesquisador não controle tanto o processo. O que ele deve fazer é propor o tema, provocar a discussão, convidar os participantes a falarem e, caso as conversas tomem um rumo inesperado, o pesquisador deve tentar compreender os motivos pelos quais a conversação saiu de um lugar x para um lugar y, buscando as conexões, os sentidos de tal mudança no percurso. Desse modo, o pesquisador pode acompanhar o fluxo de conversação que é construído pelo próprio grupo, evitando uma postura controladora.

## **5 DIÁLOGOS SOBRE DIÁLOGOS: A ANÁLISE DE TEXTOS NA PESQUISA RELACIONAL**

Como um tipo de investigação que se inspira na filosofia construcionista social, a pesquisa relacional caracteriza-se, sobretudo, por seu caráter dialógico. Como discutimos nas abordagens metodológicas apresentadas neste artigo, a pesquisa e o pesquisador devem estar sempre direcionados à dialogicidade, buscando envolver os sujeitos, de maneira a horizontalizar as relações por meio do diálogo, da presença radical, da escuta plena. O diálogo é, nesse sentido, um instrumento de transformação (seja ela pessoal ou social), pois é por meio dele que os sujeitos mobilizam pensamentos, sentimentos e atitudes.

Dialogar é falar e ouvir atentamente, considerando o outro. Diálogo pressupõe alteridade e respeito. Por isso, na pesquisa relacional, o diálogo deve estar presente desde o primeiro momento em que o pesquisador adentra seu campo de investigação, quando precisa de autorização para desenvolver a pesquisa, quando necessita construir os objetivos da investigação junto com os participantes, quando vai lançar mão de instrumentos metodológicos (que também devem ser dialógicos) e, também, no momento de *análise dos dados*.

Sobre esse momento da pesquisa, seguem algumas observações importantes. Em primeiro lugar, os construcionistas evitam o termo “*dados*”, pois é oriundo da tradição científica positivista, que acredita numa realidade objetiva a ser descoberta e, portanto, que existem dados a ser coletados. Nas pesquisas construcionistas, tal como a relacional, utilizamos a palavra *textos* no lugar de *dados* pois o que os coparticipantes da pesquisa produzem durante o processo investigativo são textos orais, que são transcritos e transformados em textos escritos.

Não há uma maneira correta, única e mais verdadeira de se analisar os textos. Uma das sugestões que alguns pesquisadores construcionistas nos oferecem (GERGEN; GERGEN, 2007; VILELA E SOUZA; SANTOS, 2012) é fazer com que essa parte de análise seja também um momento de diálogo. É conversar com os textos, colocando nossas impressões, as impressões dos coconstrutores da pesquisa e também os autores que buscamos na literatura como referência para os nossos trabalhos. A análise dos textos é um momento de fazer diálogos sobre diálogos, no sentido de que o pesquisador mobiliza o diálogo entre a literatura, os textos produzidos pelos sujeitos da investigação e suas próprias impressões pessoais.

O processo de análise dos textos envolve a participação direta dos coparticipantes da investigação, de tal modo que eles sejam convidados a intervir nas anotações, reavaliando as discussões feitas e, até mesmo, esclarecendo suas próprias falas. Assim, os sujeitos são coautores do produto final da investigação. De acordo com DeFehr (2015, p. 11), esse é um movimento de responsividade, onde “os pesquisadores não se colocam como analistas ou intérpretes, mas como co-respondentes” e

en vez de escuchar con el propósito de analizar o interpretar lo expresado por otros. Anderson (2007, p. 6) describe un estilo responsivo más espontaneo



de escuchar: “Es una actividad participatoria que requiere responder para intentar comprender – ser genuinamente curioso, hacer preguntas para aprender más de lo que se dice y no lo que piensas que se debe de decir”<sup>7</sup>.

Enfim, seja utilizando a investigação apreciativa, o grupo focal, a roda de conversa ou qualquer outra metodologia, o que importa é involucrar os sujeitos, buscar sempre o diálogo e, sobretudo, mirar a mudança, a construção de outras realidades a partir de ações colaborativas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos, neste artigo, algumas possibilidades metodológicas facilitadoras para uma pesquisa do tipo relacional. Não podemos deixar de dizer que existem outras técnicas que não foram citadas, mas que também podem ser utilizadas na investigação relacional. É o caso, por exemplo, da entrevista, que é bastante utilizada nas pesquisas humanas e sociais. O importante é que o pesquisador saiba avaliar qual instrumento metodológico propiciará uma maior abertura para que as pessoas falem de maneira mais livre e confortável possível. O diálogo é, como vimos, o principal atributo de uma pesquisa relacional, portanto, devemos optar por metodologias que favoreçam o diálogo, a conversa.

Mais do que o método propriamente dito, a postura do pesquisador e o entendimento que ele tem sobre o mundo e sobre as pessoas é de fundamental relevância. O sujeito que se propõe a fazer uma investigação do tipo relacional deve compreender que a realidade é uma construção social e que ela não se dá a conhecer. Além disso, os indivíduos não são seres isolados e o conhecimento que eles possuem não estão localizados dentro de suas mentes individuais; eles são, sim, seres relacionais e seus conhecimentos são produzidos coletivamente, através da interação com as outras pessoas. Juntas, elas constroem o mundo do qual fazem parte, elas fazem as regras, elas decidem o que é bom ou ruim. Sabendo disso, o pesquisador

---

<sup>7</sup> “Em vez de escutar com o propósito de analisar ou interpretar o que foi dito pelos outros, Anderson (2007, p.6) descreve um estilo responsivo e espontâneo de escutar: ‘É uma atividade participativa que requer responder para tentar compreender - ser genuinamente curioso, fazer perguntas para aprender mais do que se disse e não o que pensa que se deve dizer’” (Tradução nossa).

deve conduzir a investigação sabendo que ele não está sozinho e que as outras pessoas também participam do processo investigativo, num movimento colaborativo.

O conhecimento que é construído durante e após a investigação não é a verdade, a realidade, mas uma verdade e uma realidade que foi produzida em um determinado tempo, espaço, com aquelas pessoas, a partir de um método específico e alguns referenciais teóricos entre tantos outros possíveis. Dito isso, o construcionismo social nos convida a fazer com que nossas investigações sejam úteis para a vida das pessoas. Isso não é um chamado para a revolução ou para que o pesquisador retire a vestimenta de cientista e vista a capa de super-herói. O que os construcionistas propõem é que o pesquisador deixe algo para as pessoas e que não apenas passe por elas para arrancar-lhes as informações de que ele precisa.

Fazer uma pesquisa relacional é sair do pedestal em que a ciência moderna nos colocou e começar a andar lado a lado com as pessoas, chamando-as para dialogar conosco, ouvindo-as ativamente, mediante uma postura sincera de curiosidade. É se envolver na pesquisa, reconhecendo que a neutralidade é impossível e que todos nós estamos impregnados de valores, pois somos seres relacionais. É escrever em primeira pessoa, evitando uma impessoalidade forçada. É estar aberto à complexidade, ao dissenso, à multiplicidade de vozes e à diversidade. É estar aberto à transformação pessoal e do mundo.

### **PEDRO HENRIQUE OLIVEIRA DE CAMPOS**

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Viçosa e professor da rede estadual de educação de Minas Gerais.

### **RITA DE CÁSSIA DE SOUZA**

Doutora em Educação e professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

ANDERSON, H.; GEHART, D. *Collaborative therapy: Relationships and*

conversations that make a difference. New York: Routledge, 2007.

ARNEMANN, C. T.; GASTALDO, D.; KRUSE, M. H. L. Pesquisa Apreciativa: características, utilização e possibilidades para a área da Saúde no Brasil. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 22, n. 64, p. 121-131, mar. 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832018000100121&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832018000100121&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 nov. 2018.

BARBOUR, R. *Grupos Focais*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

DAL'IGNA, M. C. Grupo focal na pesquisa em educação: passo a passo teórico-metodológico. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 195-217.

DEFEHR, J. *Investigación acción dialógica: El fenómeno de agencia democrática y transformativa de la habilidad de respuesta*. Universidad de Winnipeg, 2015.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GATTI, B. *Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GERGEN, K. J. *El ser relacional: Más allá del Yo y de la Comunidad*. Bilbao: Desclée de Brouwer, D.L., 2015.

GERGEN, K. J.; GERGEN, M. Qualitative inquiry: tensions and transformations. In: DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. (ed.). *The landscape of qualitative research: theories and issues*. London: Sage, p. 575-610, 2007.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr., 1995.

LIMA, M. C. Pesquisa-ação nas organizações: do horizonte político à dimensão formal. *Gestão.Org*, v. 3, n. 2, maio/ago., 2005.

MCNAMEE, S. Research as a relational practice. In: SIMON, G; CHARD, A. (Eds). *Systemic inquiry: innovations in reflexive practice research*. London: Everything is connected Press, 2014, p. 74-94.

MCNAMEE, S. Pesquisa como construção social: investigação transformativa. *Saúde & Transformação Social.*, Florianópolis, v.1, n.1, p. 9-19, 2010.

MÉLLO, R. P. et al. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 26-32, dez.

2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000300005&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 nov. 2018.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. *Revista Temas em Educação*, v. 23, n. 1, p. 95-103, 2014.

PESCUMA, D.; CASTILHO, A. P. F. *Projeto de pesquisa – o que é? Como fazer? Um guia para sua elaboração*. São Paulo: Olho d'Água, 2005.

POWELL, R. A.; SINGLE, H. M. Focus groups. *International Journal of Quality In Health Care*, v.8, n.5, p. 449-504, 1996.

SOUZA, L. V.; MCNAMEE, S.; SANTOS, M. A. Avaliação como construção social: investigação apreciativa. *Psicol. Soc.*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 598-607, dez. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822010000300020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822010000300020&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 nov. 2018.

SPINK, M. J. *Linguagem e produção de sentido no cotidiano*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

TERENCE, A. C. F.; ESCRIVÃO FILHO, E. Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais. Anais... Fortaleza, CE: [s.n.], 2006. Disponível em: [http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2006\\_tr540368\\_8017.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2006_tr540368_8017.pdf). Acesso em: 17 nov. 2018.

VILELA E SOUZA, L.; SANTOS, M. A. Construcionismo social e investigação científica: aberturas para a produção de conhecimento. In: BARROSO, Sabrina Martins; SCORSOLINI-COMIN, Fabio (orgs.). *Diálogos em Psicologia: práticas profissionais e produção do conhecimento*. 1. ed. Uberaba: UFMT, 2012.

*Recebido em: 19/11/2019.*

*Aprovado em: 21/05/2020.*